



O PROTAGONISMO FEMININO NAS FOTOGRAFIAS DE HILDEGARD ROSENTHAL: IMAGENS DE MULHERES NA CIDADE DE SÃO PAULO (1940)

MARIA CLARA LYSAKOWSKI HALLAL¹; ELISABETE DA COSTA LEAL²

¹ Doutoranda em História na Universidade Federal de Pelotas (bolsista Capes) -

clarahallal@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende estudar as relações de gênero que perpassam a obra imagética de Hildegard Rosenthal na cidade de São Paulo durante a década de 1940, como o fato de a fotógrafa ser mulher e imigrante influenciou nos seus registros visuais da urbe. Ainda, objetiva-se estabelecer como se deu esse olhar feminino estrangeiro sobre mulheres retratadas nas mais diversas atividades: desde trabalhando até flanando pela cidade.

A fotógrafa nasceu na Suíça, logo foi para a Alemanha e em tal lugar passou sua juventude. Foi uma das mulheres percursoras a fazer curso de especialização em fotografia, e fez em Paris com Paul Wolf, famoso fotógrafo da época. Assim, em 1936 junto ao seu noivo, foram para São Paulo para fugir das perseguições contra os judeus e se casaram no país. Seu companheiro era de origem judaica.

Em relação a entrada de estrangeiros no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a presença de novos imigrantes ingressando no Brasil era expressiva, dados indicam que em torno de 450 mil novas pessoas migraram para o Brasil entre 1926 a 1930. E o emprego de mão de obra imigrante foi juntamente ao desenvolvimento e a diversificação da economia brasileira. Além disso, estiveram presentes e contribuíram para a industrialização do país, ocasionando um ápice da urbanização brasileira.

Indo ao encontro com as ideias de MATOS et. al. (2018), entre o fim do século XIX e a década de 1930, aconteceu uma transformação na figura e no papel da mulher, muito influenciado pelas imigrantes chegadas da Europa. Mudanças em muito ocasionada pela Primeira Guerra Mundial, onde um grande número de mulheres entrou no mercado de trabalho, como forma de subsistência e, também, de auxiliar os seus respectivos países que se encontravam em processo de guerra e, posteriormente, reconstrução.

Esses novos imigrantes que entravam no Brasil, especialmente as mulheres e ocasionalmente a maioria judias, consolidaram o mercado fotográfico na cidade, seja com a criação de estúdios ou vendendo fotografias para jornais ou revistas, de forma autônoma. Hildegard Rosenthal nesse cenário, circulava livremente em meio as trabalhadoras urbanas; estando estas na zona cerealista ou vendendo quitutes, por exemplo. Esse trabalho só foi possível porque a profissional utilizava a câmera Leica, equipamento leve e de fácil transporte e, assim, Rosenthal conseguia obter fotografias dos mais variados ângulos e posições. Algumas dessas, mostrando uma mulher flanando pela cidade, ou fazendo compras, pegando o bonde, enfim, as mulheres das mais diversas posições que ocupavam a cidade de São Paulo em 1940.

É importante entender os fotógrafos que registravam o urbano da época, esses profissionais que desde fins do século XIX já registravam as transformações ocorridas nas cidades, ainda de forma incipiente. Porém, nas



primeiras décadas do século XX é que os registros se intensificaram. Nesse momento, é que ocorre uma transformação do profissional, até então predominantemente masculino, passando a ser ocupado também por mulheres, em sua maioria estrangeiras.

Hildegard Rosenthal, não era associada a algum fotoclube, porém ela e Gerard Vicente Martins, renomado fotógrafo da época, criaram no Brasil a sede da agência *Press Information*, que já existia desde o início do século XX em países como Estados Unidos e Europa. Eram os únicos que trabalhavam na filial, assim, eram responsáveis por todo o processo fotográfico, inclusive vendiam seus produtos.

Dessa forma, entende-se que Hildegard Rosenthal fugiu do que se podia esperar de uma mulher fotógrafa da década de 1940; produzia e vendia suas fotografias, negociava diretamente seu produto e ainda que no período, se tinham muitas profissionais de estúdio, retratando famílias, casais, crianças etc., mas a existência de profissionais mulheres nas ruas, fotografando principalmente os atores sociais das cidades e, mais ainda, as mulheres das mais variadas classes sociais da cidade de São Paulo, eram difíceis de encontrar. Por isso, este trabalho se concentra na produção imagética de Rosenthal e como produziu um olhar feminino sobre mulheres em seus cotidianos de trabalho e circulação das ruas de São Paulo no período de 1940.

No tocante as profissionais fotográficas femininas, COELHO (2012), observou que a entrada dos fotógrafos que registravam o urbano marca uma virada na representação visual da nação. Até então, tinha-se, na sua maioria, as fotografias encomendas pelo estado, com o intuito de mostrar ou “parecer mostrar” as marcas de mudanças e transformações da sociedade. Com a entrada de novos fotógrafos, especialmente mulheres imigrantes, que sujeitavam retratar a representação do cotidiano como uma crônica visual, começou-se a incluir nos registros fotográficos diversos novos atores sociais, principalmente femininos, que até então não se viam nas fotografias.

Sendo assim, pode-se pensar sobre como as mulheres eram até então apagadas ou silenciadas nas imagens nas primeiras décadas do século XX. Existia uma grande quantidade de mulheres retratadas em estúdio junto a sua família ou na “roda da sociedade”, em eventos ou festas. Agora, a mulher urbana, que constitua também a cidade, era, na maioria das vezes, negligenciada. Para entender esse processo, o livro de Michele PERROT (2007), “Minha história das mulheres”, explicitou que é recorrente o fato de as mulheres serem silenciadas ou parecerem invisíveis, “há uma espécie de silêncio das fontes” (PERROT, 2007, p.17). Consequentemente, não é por falta de fontes que as mulheres ou as fotógrafas mulheres não eram estudadas, mas, sim existia uma “invisibilidade ideológica”. Na mesma conjectura, Joana Maria PEDRO, no artigo “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica” (2005), entendeu que é necessário querer a presença das mulheres nas fontes, olhando e fazendo novas perguntas a esses materiais.

Ainda trabalhando o conceito de gênero, a autora Joan SCOTT (2010, p.9) entende que é um convite a “fazer perguntas históricas”, um convite para se pensar criticamente como corpos são produzidos e modificados, isso é, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais, sempre levando em conta as diferenças percebidas pelos sexos. A sensação e o pertencimento de sentir-se mulher pode levar a fotógrafa a escolher determinados cenários e aspectos em detrimento de outros.

Discutir o feminino como efeito de discursos é assumir que ela é inventada e sustentada pela repetição de normas e de signos que operam como práticas.

Elas se deslocam conforme a cultura, a história, a regionalidade, a época e a sociedade em que os sujeitos vivem. Por conseguinte, as fotografias de Hildegard Rosenthal demonstram diversos saberes, práticas e posições das mulheres na cidade de São Paulo na década de 1940. As imagens registradas também podiam ser vistas, especialmente no caso da fotógrafa estudada, a possibilidade de lidar com as suas próprias questões: identitárias (sexo, gênero e como imigrante), sociais (diversas classes sociais estão presentes nas imagens).

Para BUTLER (1990), os sentidos construídos sobre os gêneros femininos e masculinos, isto é, homens e mulheres, devem ser analisados em forma de perguntas e não em categorias fixas. Desse modo, a autora entendeu que o sexo é culturalmente construído e que *"it becomes impossible to separate "gender" from the political and cultural intersections in which it is produced and sustained"*¹ (BUTLER, 1990, p.134). Percebeu-se dessa forma que mais do que ser mulher, a questão é os sentidos que foram produzidos. Como no caso de Rosenthal, a fotografia foi um dispositivo envolto por uma rede de relações e possibilidades; seu gênero, condição de imigrante e até mesmo a pouca presença feminina, até então, nas fotografias das cidades, deve-se levar em conta.

2. METODOLOGIA

As fotografias foram obtidas no Instituto Moreira Sales, na cidade de São Paulo, por meio de consulta local. Para a análise foram utilizadas técnicas encontradas no trabalho das pesquisadoras Solange Ferraz de LIMA e Vânia Carneiro de CARVALHO cuja obra “Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo – Álbuns de São Paulo (1887 – 1954)” do ano de 1994, trata do estudo de álbuns da cidade do São Paulo dos séculos XIX e XX. As autoras propõem uma série de procedimentos, como separar as fontes em categorias, como mulher flanando, trabalhando, fazendo compras etc. E, após, as apreciações das fotografias foram constituídas em dois momentos, sempre levando em conta o exame sob o prisma de gênero, enquanto “plano formal de expressão”, onde as escolhas técnicas da fotógrafa, tais como: luminosidade, enquadramento, arranjo, elementos figurativos foram importantes, e o segundo momento, foi a “análise sobre o prisma de conteúdo”, ou seja, o conjunto de pessoas, no caso mulheres, lugares, ideias e vivências da fotógrafa e dos objetos fotografados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho ainda está incipiente, porém, já se decidiu a quantidade do corpus fotográfico de Hildegard Rosenthal que será utilizado: serão usadas 59 fotografias em que as mulheres estejam presentes. Já foram analisadas 6 imagens e algumas conjecturas já podem ser delineadas. Como o fato de que Hildegard Rosenthal fugiu do estereótipo que se esperava de uma mulher nos anos 1940, além de ir às ruas fotografar, registrava pessoas, especialmente mulheres, que estavam silenciadas ou apagadas nas fontes visuais do período. Além de ser pioneira no fotojornalismo, também revelava e vendia suas fotografias. Tinha uma sensibilidade com o jogo de luzes e o foco, evidenciando

¹ Torna-se impossível separar “gênero” das intersecções políticas e culturais nas quais é produzido e sustentado” (tradução da autora).

ou reduzindo a presença de determinadas pessoas em suas imagens. Em algumas fotografias, utilizou-se da sua estatura pequena para ficar em altura inferior a mulher retratada, uma forma de evidenciar a pessoa.

O sentido autoral das fotografias de Rosenthal pode ser percebido pela visibilidade que deu ao espaço da mulher na cidade de São Paulo. Entende-se que essas fotografias são um ato político, pois trouxeram à margem essas personagens que não eram vistas como participantes da conjectura social de São Paulo no período e, também, invertendo e muitas vezes ironizando o que se esperava de uma mulher no momento.

Assim, pelas imagens, o espaço da mulher de São Paulo fora marcado. Rosenthal procurava na cidade a vida das pessoas e sua interação com o ambiente. As mulheres eram a sua fonte de inspiração, era por meio das personagens que a fotógrafa percebeu e absorveu melhor a cidade.

4. CONCLUSÕES

Como inovações obtidas, pode-se ter uma mulher compreensão do papel da mulher na sociedade brasileira na década de 1940, no caso específico, tanto como da fotógrafa, assim como das personagens femininas que viviam na cidade de São Paulo no período; suas funções na sociedade, na economia, como viviam e se relacionavam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Feminism and the Subversion of Identity. Routledge: New York, 1990.

COELHO, Maria Beatriz. **Imagens da nação**: brasileiros na fotodocumentação de 1940 até o final do século XX. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade**: da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954). Campinas: Mercado das Letras, 1997.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

Artigo

MATOS, Maria Izilda Santos; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. Mulheres imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930). **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 35, n. 3, P.1-25, 2018 . Disponível: <<http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0045>>. Acesso: 18/08/2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História [online]**. 2005, vol.24, n.1, pp.77-98. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004> Acesso: 10/10/2018

SCOTT, Joan W. Gender: still a useful category of analysis? **Diogenes**, v. 57, n. 1, p. 7-14, 2010.